

REPRESENTAÇÕES E O ENSINO DE GEOGRAFIA: A CONSTRUÇÃO UM PAÍS EM SALA DE AULA

Michael Alisson Cruz de Freitas
Universidade Federal do Paraná
michaelcruzfreitas@gmail.com
Robertha Trevisan Coradassi Buff
Universidade Federal do Paraná
robertha.buff@gmail.com

RESUMO

As representações são formas de conhecimento provenientes da percepção espacial do indivíduo, este captado pelos sentidos. Assim, tem-se representações desde as eras mais remotas, desenvolvidas pela humanidade para trilhar seus caminhos e, com a evolução da ciência e das práticas sociais, para conhecer determinado espaço e dele tirar o que é necessário para a manutenção da vida. Com a abordagem humanista na Geografia, as representações tornam-se fontes de investigação de como os indivíduos percebem, entendem e relacionam-se com o espaço, sempre mediado por signos e códigos socialmente construídos.

INTRODUÇÃO

Um dos grandes problemas do ensino da Geografia é fazer o/a estudante entender e aprender as relações que se projetam no espaço. Nos ensinamentos fundamental e médio, a Geografia Física é pouco relacionada à Geografia Humana, evidenciando, assim, a fragmentação positivista e sua inserção na educação. Mesmo a ciência geográfica recorrendo ao uso de imagens para espacializar seus estudos – exemplificados em mapas e cartas –, aos estudantes, grosso modo, fica difícil relacionar o que está apresentado e a sua realidade. Com isso, tem-se a errônea ideia de que a Natureza, por exemplo, é completa e totalmente separada da vida humana; que o relevo, por exemplo, não interfere ou influencia no desenvolvimento de uma cidade; que os solos não ocorrem em uma cidade, onde quase tudo é asfalto, prédios e cinza.

Este trabalho tem como objetivo demonstrar, aos estudantes, como a natureza e as relações socioambientais; como a Geografia permeia a vida de todos e todas; como todos estão infiltrados e são sujeitos participantes das dinâmicas entre sociedade e natureza e, mais importante, como a Geografia Física se relaciona com a Geografia Humana, e como tal relação projeta efeitos na vida das pessoas.

O intuito do projeto “construção de um país em sala de aula” é trazer o/a estudante ao centro, e torná-lo sujeito produtor de conhecimento, uma vez que representação é forma de conhecimento sobre determinada coisa ou ação externa, filtrada pelos sentidos do indivíduo e que desenvolvem percepções espaciais.[1]

Este trabalho, por fim, organiza-se em uma pequena revisão bibliográfica sobre percepção e representação, para, em seguida, abordar o projeto desenvolvido em si e suas possíveis contribuições com o aprendizado de Geografia nos/nas estudantes envolvidos.

REPRESENTAÇÕES E IMAGENS

De acordo com Hall (2016, p. 32-3), representar é a utilização da linguagem – esta, um sistema representacional – para expressar algo sobre o mundo; é essencial ao processo no qual os significados são produzidos e compartilhados dentro de uma cultura e envolve o uso da linguagem – de signos, de imagens – que significam, que representam objetos. Bomfim (2012, p. 14) coloca que as representações sociais “são

um produto da comunicação e da linguagem (...) São modalidades particulares do conhecimento.” De acordo com Gil Filho (2005[2]), as representações são forma de conhecimento que só se ocorrem no encontro com o sujeito.

Por conseguinte, Malanski (2014, p. 36), diz que “dotadas de informações perceptivas, sensações e imaginações espaciais, as pessoas, são capazes de representar a partir de imagens mentais o espaço percebido ou imaginado.” Para tanto, “as representações são responsáveis por dar significados aos fenômenos sociais e naturais percebidos, não substitui o objeto representado.” Kozel Teixeira; Nogueira (1999, p. 240), por sua vez, assinalam que “a percepção do homem a respeito de seu ambiente está ligada, portanto, à imagem subjetiva produzida por sua mente, referendada pelas relações afetivas, políticas e culturais”, o que evidencia a não separabilidade de percepção e representação.

AS REPRESENTAÇÕES NA GEOGRAFIA

As representações do espaço se dão desde os primórdios, como, por exemplo, as pinturas rupestres; em diferentes culturas, pois é necessário conhecer o espaço para dele retirar o necessário para sobreviver, e isso provem das percepções espaciais dos grupos humanos (KOZEL TEIXEIRA; NOGUEIRA, 1999).

Diniz Filho (2009, p. 20) afirma que, embora a Geografia tenha se configurado como conhecimento científico somente no século XIX, o pensamento geográfico remonta a Antiguidade. Com as superações de paradigmas científicos; as evoluções tecnológicas e as conseqüentes influências nas relações sociais provenientes do capitalismo, como a industrialização e a urbanização, há o início da preocupação dos geógrafos, principalmente entre a década de 1960 e 1970, que viam a fragilidade de seus postulados, orientados pelo neopositivismo na Geografia de então (ANDRADE, 1987, p. 111). As discussões trazem uma crise paradigmática à Geografia, onde, segundo Amorim Filho (1999, p.68-9), surgem quatro correntes orientações epistemológicas: aqueles que se mantiveram fiéis aos estudos clássicos, principalmente daqueles vindos das escolas europeias; aqueles que se mantiveram fiéis à quantificação dos estudos geográficos; os neomarxistas, preocupados em discutir a pobreza e diferenças socioespaciais causadas pelo capitalismo; e, finalmente, os geógrafos orientados pelo humanismo e baseados na fenomenologia.

A Geografia humanista resgata a percepção humana com relação ao espaço. Com isso, as representações espaciais são abordadas, e “não deixam de considerar o indivíduo como construtor de imagens.” (KOZEL TEIXEIRA; NOGUEIRA, 1999, p. 240). Assim, considera-se, nesta corrente, as percepções dos indivíduos sobre aqueles espaços; como elas se apresentam; o que significam. No Brasil, esta corrente da Geografia começa a desenvolver-se a partir de 1980, com a tradução dos livros *Topofilia e Espaço e Lugar*, de Yi-Fu Tuan, pela professora Lívia de Oliveira, da Universidade Estadual Paulista (UNESP) Rio Claro.

Na Geografia escolar, observa-se nos livros didáticos o uso de mapas temáticos, carregados de cores e legendas, para a representação dos fluxos e relações espaciais. Entretanto, os/as estudantes não conseguem, grosso modo, associar aquilo que está representado na imagem, com o espaço imediato, com o seu espaço vivido.

A CONSTRUÇÃO DOS SIGNIFICADOS

Malanski (2014, p. 38) coloca que “a interposição entre o que é representado e o receptor, a quem se dirige a representação, é feita através de signos.” Tais signos, ainda segundo o autor, podem ser ícones, sons, músicas e outros; mas sempre “uma unidade portadora de sentido constituída de forma e conteúdo.” Hall (p. 37) destaca que os

signos “indicam ou representam os conceitos e relações que carregamos em nossas mentes e que, juntos, constroem os sistemas de significado da nossa cultura.” e que, portanto, “são carregados de natureza ideológica” (MALANSKI, p. 37).

Em seguida, Hall (2016) coloca que, ao compartilharmos a mesma cultura, compartilhamos a mesma maneira de interpretar tais signos, e estes, por sua vez, são mediados e governados por códigos. Os códigos “permitem uma tradutibilidade (...) que é criada socialmente” (HALL, 2016, p. 41-2). Com isso, tem-se que as representações são construídas “a partir do dialogismo, entendido como a relação, o diálogo, entre as pessoas na qual são incorporados diferentes valores e discursos através da recepção/compreensão de enunciados” (MALANSKI, 2014, p. 38).

MATERIAIS E MÉTODO

O projeto de construção de representação de um país está em desenvolvimento com os vinte e quatro alunos e alunas da turma 8ºJ, uma turma de aceleração, do colégio estadual Nirlei Medeiros, no bairro Campo de Sant’Ana, em Curitiba/PR., região sul, orientados pela Prof. Msc. Elaine de Cácia Lima Frick e supervisionados pelo Professor Paulo Roberto Frick.

Ainda conforme Malanski (2014, p. 39-40), após o domínio do mapa como única representação do espaço, universalmente aceito, as representações com aporte na fenomenologia representam uma espécie de resistência, pois “está enraizada na experiência cotidiana e, assim, se opõe aos mapas e convenções cartográficas oficiais” e, ainda, “se baseia em concepções pessoais do espaço e comumente funde a linguagem cartográfica com a expressão artística.” (idem, p. 40)

Aos alunos e alunas, durante a primeira aula do projeto, desenvolvido em uma aula por semana, após a divisão em grupos e as escolhas dos nomes, foram sorteados as bases de isopor com o formato dos países. Foi levado um globo de isopor, representando a Terra, onde os grupos decidiam qual a posição de seus países: se mais perto do Equador ou dos pólos. As bases foram cobertas com papel mache e pintadas de branco. Também foi entregue pedaços de papelão cortados em formas arredondadas. Os grupos poderiam escolher e colar os pedaços em suas bases, para formar a representação do relevo.

Por uma questão de ordem prática, os conteúdos foram separados em Geografia Física e Geografia Humana. Porém, ao longo das aulas, durante explicações sobre os eventos e processos naturais, era sempre mostrado como tais eventos influenciam na vida do homem.

A aula seguinte foi referente a estrutura geológica, rochas, minerais e relevo. Foi explicado aos alunos como se formam os minerais, os ciclos das rochas e as unidades de relevo. Para os grupos, foram entregues listas de minerais que seriam extraídos de seus países e onde tais minerais seriam encontrados. Para tal, utilizam-se símbolos cartográficos para a localização.

Nas duas aulas seguintes, foi abordado o conteúdo solos. Após um pequeno reforço sobre o conteúdo de relevo, foi explicado quais eram suas classificações pedológicas e as ocorrências no Brasil e no Paraná. Na base de isopor, foi mostrado onde ocorrem os quatro tipos de solo que mais ocorrem no país.

FIGURA 1 – CONSTRUÇÃO DO EMBASAMENTO DO PAÍS



FONTE: Os autores (2017)

Na aula posterior, os grupos tiveram explicações sobre o clima, e como as posições que foram escolhidas por eles no globo de isopor corresponde a um clima, sempre aliado ao relevo; e, como estes geofatores se espacializam. Devido à posição dos países, alguns configuram climas diferentes dos demais.

Na semana seguinte, o tema da aula foi vegetação. Com base no que foi dado nos conteúdos solos e climas, os grupos viram quais eram as vegetações desenvolvidas em seus países.

Em todas as aulas, após as explicações gerais dadas, os dois bolsistas passavam entre os grupos explicando particularidades, como tipos de solos, os climas e a vegetação. Um dos grupos escolheu a localização em altíssimas latitudes, o que configura toda uma Geografia Física diferente dos demais, que optaram por localizações próximas ao Equador do isopor.

FIGURA 2 – MAQUETE COM ELEMENTOS FÍSICOS DO PAÍS
(RECURSOS MINERAIS E TIPOS DE SOLO)



FONTE: Os autores (2017)

FIGURA 3 – CONSTRUÇÃO DA MAQUETE DO PAÍS E REPRESENTAÇÃO EM PAPEL QUADRICULADO.



FONTE: Os autores (2017)

Após as férias letivas, foram abordados os conteúdos de Geografia Humana. Na primeira aula, após uma revisão do que foi visto em relação ao semestre anterior, foi abordado o conteúdo de cultura, primado na religião, nas leis e tradições de um povo. Cultura define-se enquanto “soma de comportamentos, dos objetos, conhecimentos e valores acumulados pelos grupos socialmente organizados.” (CLAVAL 2001 *apud*

MALANSKI, 2014, p. 38). O exercício, nesta aula, foi definir um sistema de leis e alguma religião para o país.

Na aula seguinte, a exposição referiu-se às representações políticas, onde os alunos poderiam escolher quais seriam os tipos de governo adotados em seus países, como monarquia parlamentarista ou presidencialismo.

Nas duas aulas posteriores, o conteúdo de população, onde os grupos deveriam, após a explicação pertinente, sobre como seria composta o povo, as etnias e populações de seu país.

Em seguida, foi abordado agricultura e sistemas agrários. As exposições foram feitas com o intuito do entendimento da construção do espaço agrário e rural brasileiro. Ao fim da aula, os/as estudantes escolheram quais sistemas agrários o país utilizará. Os bolsistas, então, aliando solos, clima e o sistema agrário escolhido, organizaram uma planilha, com os itens tratados e quais seriam as produções agrícolas, aliados ao sistema agrário escolhido pelos grupos.

Na última aula, foi abordado o tema urbanização e cidades. Como as cidades formaram-se, o que é urbanização, os serviços oferecidos pelas cidades e os problemas urbanos.

Ainda pretende-se expor os temas urbanização e sua relação com a industrialização. Os grupos, com isso, construirão uma representação cartográfica, não excluindo a maquete, dos elementos humanos de cada país; e uma exposição no pátio da escola. Além disso, tendo em vista a necessidade do exercício da escrita e do pensamento crítico, os grupos elaborarão alguns textos referentes à criação do país: a história da criação dos países e os conflitos envolvidos em suas formações territoriais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto ainda possui muitas falhas, é visível, e há necessidade de aprimoramento para aplicações futuras. Porém, foi observado uma boa receptividade e entusiasmo dos e das estudantes quando foi proposto e enquanto é executado.

É algo diferenciado, fora do comum escrever e decorar, algo que ainda está arraigado tanto na Geografia Escolar, quanto em todas as outras ciências. Concordando com BOMFIM (2012, p. 86), a linguagem escrita ainda é muito mais valorizada do que o uso das imagens ou de outras linguagens, principalmente àquelas que primam o/a estudante e seus conhecimentos prévios.

E é esse método um tanto quanto antiquado, herança positivista, que dissocia teoria e prática, e impede aos estudantes ver a Geografia ao redor. Como diria Daniel Cosgrove, “a Geografia está em todos os lugares” e, ao mesmo tempo que isso é evidenciado durante as aulas, o contrário também fica exposto: os/as estudantes pensam que o que é exposto sobre qualquer coisa, não tem nada relacionado com a vida, a vivência deles no espaço. Assim, não conseguem, verdadeiramente, construir o conhecimento, assimilando o que lhes é mostrado durante as aulas e aplicando em seus contextos particulares.

A partir deste projeto, conseguimos trazer os/as estudantes, através do trabalho em equipe, ao centro, tornando-os produtores de conhecimento, elucidando que o espaço, tanto natural quanto o humanizado, é construído e constrói o indivíduo e a sociedade.

As práticas educacionais devem sempre, portanto, primar o espaço em que o/a estudante está inserido e, não obstante, considerar suas percepções do que está ao redor; considerá-lo enquanto produtor de conhecimento. Este, em uma sala de aula (e como observa-se pelos bolsistas do PIBID) é uma via de mão dupla, uma construção coletiva: tanto os professores quanto os/as estudantes constroem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM FILHO, O. B. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. In: *Sociedade e Natureza*. Uberlândia, n°11; 1999, p 67-87.

ANDRADE, Manuel Correia de. *Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo, editora Atlas, 1987.

BOMFIM, Natanael Reis. A representação social como teoria e método. In: BOMFIM, N. R.; ROCHA, L. B. *As representações na Geografia*. Ilhéus, BA: editora da UESC, 2012. p. 13-30.

BOMFIM, Natanael Reis. Estudos sobre a imagem e suas implicações didáticas na aprendizagem geográfica. In: BOMFIM, N. R.; ROCHA, L. B. **As representações na Geografia**. Ilhéus, BA: editora da UESC, 2012, p. 85-102.

DINIZ FILHO, Luís Lopes. **Fundamentos epistemológicos de Geografia**. Curitiba, Editora Ibipex, 2009.

GIL FILHO, Sylvio F. Geografia cultural: Estrutura e Primado das Representações, In: *Espaço e Cultura*, n° 19-20, Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2005, p. 51-59.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

KOZEL TEIXEIRA, Salete; NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **A Geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida**. In: Revista do Departamento de Geografia, São Paulo: Universidade de São Paulo: n. 13, 1999, p. 239 – 257.

KOZEL, Salete; GALVÃO, Wilson. **Representação e ensino de Geografia. Contribuições metodológicas**. In: Ateliê Geográfico. Goiânia: v. 2, n. 3, 2008 p.33-48.

MALANSKI, Lawrence Meyer. **Geografia humanista: percepção e representação**

e

s

p

a

c

i

a

l

.

I

n

:

R

e

v

i

s

t

a